

ENTREVISTA COM JOSÉ GERALDO WANDERLEY MARQUES: O PAI DA ABORDAGEM ETNOECOLÓGICA ABRANGENTE

Francisco José Bezerra SOUTO

Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia, Email: franze.uefs@gmail.com

Submitted: 23/03/2018; Accepted: 07/04/2018

“A minha geração está passando. Mas não está passando em branco não está deixando brancos.”

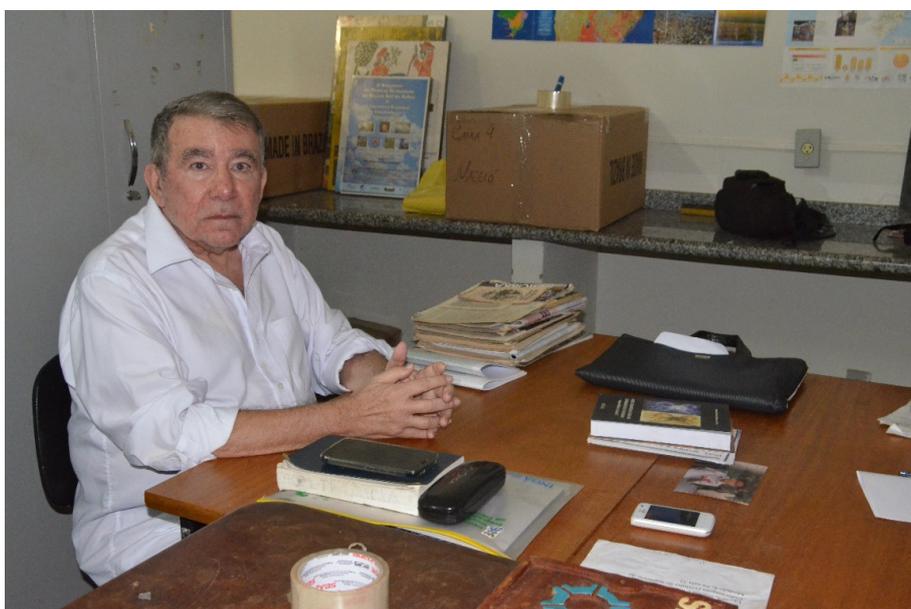


Imagem 1: José Geraldo W. Marques (06/11/2017)

“Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1968), graduação em História Natural pela Universidade Católica de Pernambuco (1968), mestrado em Zoologia pela Universidade de São Paulo (1979), doutorado em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (1991) e pós-doutorado em Ecologia Humana pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em etnoecologia, atuando principalmente nos seguintes temas: etnoecologia, ecologia, etnobiologia, biodiversidade e estuários. Membro da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e da Associação Universitária Internacional”. Bem, é o que diz seu Curriculum Lattes. Um pouco desatualizado e muito sucinto para definir essa figura singular da Etnobiologia e Etnoecologia brasileira. Mesmo sem espaço necessário aqui, eu acrescentaria: alagoano de coração, sertanejo santanense de alma, feirense por adoção, marido de Betinha, pai de Hortência, João Maurício e da Abordagem Etnoecológica Abrangente, poeta de nome e renome, cientista quase nato, pesquisador veterano e inveterado, docente decente, orador apaixonado e apaixonante, amigo (abran)gente boa, orientador/bússola (GPS não!) de um monte de gente, leitor incorrigível e corretor, debatedor agridoce, viciado em Coca-Cola Zero (ex-Diet), pensador moderno e modernante, antenado e parabolicamarada, de vocação mórmon bispo(ética)... Dava pra falar mais, mas, como diz aquela música de Caetano, “a canção tem que acabar...”

A ENTREVISTA

Ethnoscintia: Então tá, Zé! Obrigado pela entrevista e por tudo mais, viu? Agora eu vou me dar o direito de lhe dar um beijo!

José Geraldo: *Ooooh Franzé!!! Foi tão bom!! Foi uma psicoterapia que eu estava precisando!!*

Foi assim que a entrevista terminou. Zé falando de uma “psicoterapia”, a qual eu também estava submetido. Sim, pois era também uma coisa de filho diante do pai. Era uma responsabilidade danada que começou com o medo de decepcionar (Freud explica fácil, fácil!). Não por ter receio de não entrevistá-lo bem (até porque eu tive um excelente professor... ele mesmo!). Foi um medo mais técnico, vamos dizer assim. Os gravadores digitais e a filmadora do LETNO não funcionaram; o celular mais antigo que peguei emprestado de minha esposa não estava gravando muito tempo; e minha câmera digital, simplesmente, não “quis” gravar o vídeo (passei a acreditar que ela tem vontade própria!). Restava o meu próprio celular, que torci muito, mas muito mesmo, durante toda a entrevista pra que não desse problema! E, graças a Deus, não deu (ufa)!

Fiquei muito feliz quando Bernardo, editor da *Ethnoscintia*, me convidou para fazer essa entrevista. Vínhamos de um evento extremamente emocionante que foi o Workshop sobre a Etnoecologia Abrangente ocorrido na UEFS, quando se reuniram vários de seus ex-orientados para falar de suas experiências, vivências e reflexões sob o “comando” de Zé. A entrevista foi feita em dezembro na sala que ele carinhosamente chamava de “bagunçoteca”, local de frequente peregrinação de muitos (me incluo entre estes) que iam lá buscar literaturas, informações, conhecimentos, opiniões, ouvidos ou boa conversa (ou tudo junto). Havia no ar uma certa atmosfera de melancolia, pois como sua sonhada e temida aposentadoria tinha saído há poucos meses, a bagunçoteca estava sendo desmontada. Seu riquíssimo e variado acervo etnoecológico, composto de inúmeros livros, artigos, jornais, revistas, vídeos, esculturas, fitas, discos, cds (e o que vocês possam mais imaginar) estava sendo desmontado. Talvez a melancolia tenha sido mais minha em ver a sala daquele jeito. Ele estava feliz com o destino que estava dando àquele material. Doações a pessoas e instituições, além de sua futura biblioteca em Maceió, parecia estar lhe fazendo muito bem. E isso se refletiu na conversa/entrevista. Falante, reflexivo e bem-humorado, Zé esbanjou pensamentos, opiniões e histórias deliciosas que, mesmo eu o conhecendo desde 1995, desconhecia. Durou exatos 1 hora, 43 minutos e 15 segundos. Mas ali tinha potencial para muitas horas mais! A sorte dele e de vocês leitores é que aprendi desde cedo que uma boa entrevista não pode ser muito demorada. Recomendo que façam outras com ele. Com certeza, como ele sempre me dizia, “dá samba”!

Ethnoscintia: Quem é José Geraldo Wanderley Marques?

José Geraldo: *Olhe... é uma pergunta difícil de ser respondida por mim mesmo, não é? Porque seria não só como eu me identificaria, mas também como eu me diagnosticaria. Uma pessoa normal, como uma inteligência normal. E apenas eu acho que não perdi umas oportunidades que tive na vida... soube aproveitá-las. Sou uma pessoa bastante esforçada e diria que sou mais, tenho sido mais na minha vida, é um leitor voraz. Agora, se me perguntam como é que você se identifica pelas suas atividades? Eu acho que eu sou melhor na poesia do que na prosa em todos os aspectos. Tanto literal, como metaforicamente. Eu sou mais valsa do que samba.*

Ethnoscintia: Você seria mais um erudito popular ou um popular erudito?

José Geraldo: *As duas coisas e nenhuma delas, tá? As minhas raízes são raízes populares. Eu não teria conseguido fazer nem a minha poesia, nem minha produção científica se eu não tivesse nascido em Santana do Ipanema, no interior de Alagoas. Eu sempre ia pras feiras no sábado, ia com a minha mãe. Ela nunca percebia que eu estava aprendendo muito mais nas feiras do que na escola. Então, a escola tomou conta de minha formação de erudito e as feiras, de Santana do Ipanema principalmente, tomaram conta da minha formação como popular. Se eu me considero como erudito, não soasse tão pernóstico esse diagnóstico, eu poderia até dar sim pelo tipo de gostos e leituras que eu tenho tido, inclusive pela música erudita que é umas das coisas que eu tenho nutrido muita paixão ao longo da minha vida. Embora, ultimamente eu tenha ouvido muito pouco. Mas as minhas raízes são populares. E o que eu sinto vibrar comigo mesmo, com minha identidade, é mais o popular do que o erudito.*

Ethnoscintia: Eu ia perguntar como suas raízes familiares e a origem de Santana do Ipanema (Alagoas) influenciaram na sua carreira de etnoecólogo? Mas você já respondeu... ou acrescentaria mais alguma coisa?

José Geraldo: *Olhe, a minha família eu acho que foi também uma coisa muito importante. Eu venho de família sertaneja e boa parte dela, tanto paterna como materna, tem origem numa cidade próxima a Santana do Ipanema, que se chama Poço das Trincheiras que foi muito importante na minha formação. Principalmente pelas histórias familiares que eu ouvia lá, que foram sedimentando muito na minha mente. De forma que, boa parte de minha poesia publicada, eu dou o título de “Genealógicos”, exatamente por me referir a essas histórias familiares que eu ouvia em Poços das Trincheiras. Histórias marcadas, inclusive, pela violência. Uma delas, que ficou gravada, que eu gerei um poema chamado Poços das Trincheiras, que está publicada, que foi a matança dos homens Wanderleys, numa grande guerra local, estadual. Alagoas tem uma história de violência e não só de violência informal, mas também de violência formal. Houve uma guerra chamada “Guerra dos Lisos e Cabeludos” que foi uma guerra partidária e a minha família era dos Cabeludos. E dos Lisos, havia um facinora, o Moraes, com seus filhos. E um dia, eles atacaram a cidade de Poços da Trincheiras e mataram todos os homens. Só escapou um! Esse que escapou, não ficou registrado qual o seu nome, mas o seu apelido, por causa de suas façanhas ficou de “Gavião”. Porque ele prometeu que vingaria a todos. Vingaria e mataria todos os Moraes. E matou. Ai me contavam a história do último que ele matou estava refugiado na Serra do Poço, onde não tinha mais o que comer e que estava comendo calango. Então você imagina o que é isso numa mente infantil! Como a mente não trabalha, vai retrabalhando ao longo da vida e como incorpora. Então, também eu acredito que minha origem familiar foi muito importante pra definir esse meu itinerário. Eu não sei se ele teria sido definido, seguido esse curso, se não fosse também a origem familiar. É claro que muito o que eu faço e o que nós passamos a chamar, depois que eu passei algum tempo fazendo sem nem saber o nome, que é a etnobiologia, a etnoecologia, tem motivações inconscientes. Por exemplo, se você pergunta por que de minha opção por isso, por esse tipo de pesquisa que eu passei a desenvolver, eu não saberia te dizer exatamente. Passei muito tempo a pensar e agir intuitivamente, porque a gente não tinha acesso ao que era na literatura internacional, que era incipiente. Comecei a fazer, “tocando de ouvido”. E isso era muito motivado inconscientemente. Então, talvez, aflorasse alguma coisa, mas não com o colorido que adquiriu por causa das influências familiares e telúricas.*

Ethnoscintia: Mas como a etnoecologia apareceu na sua vida? Como se deu isso?

José Geraldo: *Éé... nas feiras de Santana do Ipanema, quando eu era criança, eu adorava fazer coleta de dados sem saber o que eu estava fazendo. Por exemplo, eu gostava muito, parava pra ficar escutando os cantadores de cordel. Inclusive, ganhei um cordel que foi dado pela minha avó, que me marcou muito! Gostava também de ficar escutando os índios Fulni-ô de Águas Belas que aos sábados iam para a feira de Santana pra o que a gente chamava de “cortar a língua”. Cortar a língua era falar a língua Fulni-ô. Aliás, o único grupo de índios do semi-árido que mantém língua, a ia-tê. Então, eu adorava escutar o ia-tê! Eu pegava umas moedinhas de meu pai pra comprar alguma coisa na feira... porque eles só falavam se a gente pagasse. Eu não entendia nada do que eles estavam falando, provavelmente eles estavam dizendo que eu era feio... (risos) essas coisas. Não sei o que era realmente, mas eu adorava escutar o ia-tê. Eu tive influência de um primo, esse sim um erudito, que é o prof. José Marques, que é professor de São Paulo, com uma trajetória brilhante na USP e que sempre me motivava nessa questão do folclore. Ele era altamente motivado e me motivava. Tanto que eu me lembro de uma das minhas aventuras de criança com ele, fomos no pátio da igreja pra roubar ex-votos. Enchemos um saco de ex-votos. Eu não tinha coleção, mas ele já tinha uma. Quando nós vínhamos, era muito próximo da casa grande da fazenda de meu avó, se aproximou um homem montado a cavalo, e a gente pensou: “Pronto! Chegou o nosso fim!” Mas ele só cumprimentou, perguntou quem éramos nós, tocou pra frente, e os ex-votos que estavam no pátio, passaram a ter outro destino. Agora, em termos de pesquisa, uma coisa que me marcou muito foi quando eu me mudei do sertão para o litoral e comecei a frequentar a Lagoa Mundaú, em Maceió. E comecei de fato a me apaixonar pela questão da pesca, pelos pescadores, mas muito sem saber o que é que eu estava fazendo. Mas nessa ocasião, eu tive a feliz oportunidade, uma coincidência rara, difícil de explicar. O ministro Severo Gomes, que era um homem brilhante, criou o Centro Nacional de Referência Cultural. Ele dizia sempre assim “Olha, os países que conseguem exportar as suas coisas, eles exportam as coisas que tem a cara do país. Noruega, Suécia... e a gente não consegue fazer isso*

aqui no Brasil”. Então, ele criou esse centro e eu fui incluído na equipe do CNRC, que tinha por objetivo fazer o levantamento ecológico e cultural na região das lagoas de Maceió. Foi realmente uma experiência muito boa, resultou em trabalhos publicados, de referência. E aí eu já trabalhei mesmo com pescadores, entrevista com pescadores, conhecimento etnoictiológico e tudo, mas tudo isso de ouvido. Não conhecia nenhuma metodologia! Não tinha formação antropológica. A minha formação foi muito mais na vertente biológica do que na vertente cultural. Na vertente cultural eu me considero um autodidata. Mas acontece algumas coisas assim que parece que nosso espírito estava somente aguardando que acontecesse. Um belo dia, eu fui, sem pretensões, assistir uma conferência de Madalena Diegues, que é uma irmã de Cacá Diegues, um dos meus amigos do peito! O que é uma injustiça porque quando a gente pergunta “quem é Madalena Diegues?”, a gente responde que é a irmã de Cacá Diegues. Porque, talvez, fosse mais justo, ou tanto quanto, “quem é Cacá Diegues?” É irmão de Madalena Diegues. Cacá Diegues, como se sabe, era filho de Manoel Diegues Jr, grande antropólogo e que era alagoano. Madalena era antropóloga e a conferência foi uma introdução à Antropologia. E eu fiquei encantado com aquela história. Lembro como hoje de que ela apontou a corrida de toras que os índios faziam. Que ninguém disputava quem era o primeiro lugar porque um, se já estava ganhando, esperava pelo outro. Aquilo ali foi uma grande descoberta pra mim! A descoberta do outro! Então, sempre tive essa atração pelo outro. Uma atração que nunca foi preconceituosa. Eu não conseguia compreender preconceito racial. Mesmo criança na escola, eu não conseguia entender o que fosse discriminação com os índios e nem, por incrível que pareça, discriminação com os ciganos. Os ciganos eram uma das minhas paixões lá em Santana ainda. Eu sempre dizia, nos meus diálogos íntimos... quando crescer eu quero ser o que? Eu queria ser cigano! Diziam que os ciganos roubavam crianças e eu tinha a maior vontade que eles me roubassem! E aí essas coisas que iam me acontecendo naturalmente, era o meu desenvolvimento. E com essas influências diretas do meio que eu fui digerindo.

Depois da experiência com o CNRC, eu continuei trabalhando com os pescadores na região das lagoas. E um belo dia, cruzou à minha vida Darrel Posey, que foi uma influência fundamental. Eu fui para um congresso de zoologia em Belém do Pará. Eu não lembro quando, mas faz tempo. Foi na Pré-História (risos). E (Nelson) Papavero era o presidente da Sociedade (SBZool). Papavero sempre foi interessado pela etnobiologia. Tem o itinerário pela etnobiologia, com o “Insetos no Folclore” (livro), aquela obra preciosa. Ele com Karol Lenko. Papavero incluiu na programação do Congresso dois minicursos: um, Os Animais no Folclore, com Julieta Andrade, a minha grande mestra! E um outro, que era Uma Introdução à Etnozoologia, com Darrel Posey. Era tudo o que eu queria na minha vida! Então, a partir daí eu já fiquei sabendo que o que eu fazia podia ser etnobiologia. Julieta Andrade me dizia que não entendia muito bem o que eu estava fazendo, depois eu fui aluno dela na Escola de Folclore de São Paulo. E nos tornamos amigos. Ela é minha grande mestra! Ela me dizia “eu não entendo muito dessa história do que você faz, mas acho que você faz folclore”. Esse entrecruzamento foi fundamental pra mim! Então, a essa altura, eu já sabia que o que eu fazia, existia no cenário internacional, mas não tinha acesso ainda à literatura. As coisas eram muito difíceis naquela época! E numa Universidade pequena, onde eu fazia carreira naquela época, e até certo ponto periférica, que era a Universidade Federal de Alagoas. Mas como eu já sabia o que eu queria fazer, resolvi fazer o doutorado em ecologia. Eu tinha feito o meu mestrado em zoologia, no Museu de Zoologia da USP. E na minha dissertação eu trabalhei muito com peixes, colocando já os pescadores na periferia. Então, a única certeza que eu queria fazer era colocar agora os pescadores no centro e os peixes na periferia. Era fazer a inversão. E eu resolvi fazer o doutorado em ecologia porque tinha uma coisa que me incomodava muito, que eu era chamado de ecólogo, tratado de ecólogo, mas eu dizia “eu não sou um ecólogo!” Eu não tinha formação. Eu fui o primeiro professor de ecologia da UFAL. Eu comecei a estudar ecologia por influência do prof. Vasconcelos Sobrinho, que foi um grande pioneiro na década de 1960 ainda. Eu não tenho título de ecólogo! Eu acho que até doido deve ter a carteirinha pra apresentar que é! (risos). Então, eu resolvi adquirir o meu título de ecólogo, o que eu prezo até hoje. Então, resolvi escolher na UNICAMP quem seria o meu orientador. A UNICAMP naquela época se intitulava o “Templo” da Ecologia no Brasil. Da única e verdadeira ecologia. Era uma ecologia bastante quantitativa e eles faziam muita questão disso. Na seleção, a estatística que a gente tinha que estudar muito. Não era uma estatística qualquer e isso me assustou um pouco no início. E agora vamos ver com quem eu vou trabalhar com isso que eu quero. Eu quero continuar trabalhando com ecologia de peixes, mas com o conhecimento dos pescadores. Os pescadores no centro da minha tese e os peixes na periferia.

Então, eu fui informado de um grande cientista da UNICAMP, Ivan Sazina. Algumas pessoas maldosamente se referiam a ele como “Ivan, o Terrível” (risos). Então, eu tive a ousadia de escrever pra Ivan que estava na Alemanha nessa época fazendo pós-doutorado. Ai eu vou propor algumas coisas e em uma delas eu vou me encaixar. Eu vou propor uma de ecologia até certo ponto ortodoxa e uma dessa coisa que é o do conhecimento etnoictológico dos pescadores da Lagoa Mundaú e Manguaba, que eu já tinha muitos dados. Então, eu escrevi pra Ivan propondo trabalhar com estratégias de sobrevivência de peixes em rios temporários do Nordeste, ainda sob influência de Santana do Ipanema. A cidade se chamada assim por causa do rio Ipanema que é temporário. E aquilo sempre me impressionava muito! As piabas do rio Ipanema. Porque o rio secava completamente e depois enchia, mas entre a seca e a cheia, remanesce as poças. Então, eu já tinha muita curiosidade de saber como esses peixes aguentavam isso. Eu propus pra ele que eu poderia trabalhar com isso ou, eu usei e fiz a proposta, com o conhecimento que os pescadores da região das lagoas de Manguaba e Mundaú têm sobre os peixes. Pra minha surpresa, Ivan respondeu que tinha gostado muito das duas propostas e que eu ficasse à vontade pra escrever o projeto que eu ia fazer. Eu sentei e comecei a escrever a minha proposta de projeto, fiz a seleção pra UNICAMP, passei no doutorado e encaminhei meu projeto pro Ivan. Meu projeto, Franzé, era uma coisa linda! (risos) Quando eu acabei de fazer, eu me senti como Michelangelo diante da estátua de Moisés, tá? Ele ficou diante da estátua, bateu ainda com o martelinho e disse “fala!” (risos). Rapaz, o Ivan fez uma crítica ao meu projeto por escrito, no próprio projeto, seguindo o estilo Ivan, tudo detalhadinho, milimetrado, com traços escritos com régua. Eu me lembro que quando peguei a resposta de Ivan ao meu projeto, numa sala da UNICAMP, eu me recostei e não aguentei! Ele tinha razão! O danado era isso, tá? (risos) E ele fez umas observações que me serviram na minha formação de cientista e me servem até hoje! Então, eu retrabalhei a proposta, mas até aí não tinha bases teóricas. E aí, Franzé, aconteceu! Aconteceu uma dessas coisas que eu me sinto muito à vontade pra falar agora, com 71 anos, estou aposentado, não tenho que dar satisfação a ninguém... aconteceu! Eu estava assistindo uma aula de Benson, de ecologia de populações braba, matematizada, numa sala onde o curso de ecologia da UNICAMP começava a implantar uma biblioteca incipiente, tá? E de repente, eu senti um impulso... se o próprio Descartes disse que chegou à iluminação sobre o método científico por influência do Espírito Santo, então porque é que eu não posso dizer também que foi o Espírito Santo? (risos) Eu senti um impulso para me dirigir a uma das estantes. E em uma das estantes, eu senti o impulso para pegar umas das revistas. Você sabe o que era essa revista, Franzé? Um número especial de uma revista francesa sobre “Ethnobiologies”. Sério!! Olhe, aquilo ali foi tudo o que eu queria da vida! Então, eu fiquei sabendo que no Museu de História Natural de Paris existia um laboratório de etnobiologia. Ali estava alguns dos expoentes do laboratório de etnobiologia com alguns trabalhos fundamentais publicados. Então, agora eu já tinha uma parte da partitura pra começar a não tocar de ouvido. Eu costumo dizer que se eu morrer e não for pro céu, eu quero ir pras bibliotecas da UNICAMP, mas principalmente pra Biblioteca da Antropologia porque o acervo de Buarque de Holanda se encontra lá. E outros acervos maravilhosos. Então, eu comecei a mergulhar cada vez mais fundo na literatura e é quando eu descubro Conklin, Brent Berlin, tá? Então, agora eu já tenho a partitura pra eu trabalhar com o que eu vinha trabalhando de ouvido. Foi assim que a etnobiologia, etnoecologia entraram definitivamente na minha vida! Tem uma música de Caetano (Mamãe Coragem) que diz assim “Mamãe, eu quero, eu posso, eu quis, eu fiz!”. Então, era o que eu queria. Eu passei a poder fazer e hoje eu posso dizer que realmente eu fiz e faço o que eu quis fazer. Eu disse pra Ivan Sazima. Porque lá pras tantas ele passou a ficar temeroso. Ele nunca disse isso com todas as letras, mas por causa das pressões cartesianas dos pares da UNICAMP. Ele ficou temeroso com o que é que ia resultar daquela minha proposta tão original naquela ocasião. Eu disse a Ivan durante na defesa que eu voltaria a escolhê-lo novamente como orientador. Porque realmente doeu, mas valeu! No dia da minha defesa, realmente ele deixou mais ou menos claro que tinha ficado temeroso, mas ele usou uma expressão dentro da severidade com a qual ele me julgou. Diegues (Antônio Carlos Diegues/ USP) foi da minha banca também e disse que nunca viu um orientador arrasar tanto um orientado como o Ivan me arrasou! Tanto na defesa, como na hora da decisão da banca! Mas ele disse uma frase “à medida que eu ia lendo a sua tese, eu ia me maravilhando!”. Então, isso é tudo que um filho quer ouvir do pai, não é? Então, a partir daí, a minha tese foi realmente um marco divisório na própria UNICAMP. Porque quando aconteceu aqui em Feira de Santana o primeiro Encontro Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia, pra minha surpresa, havia uma delegação da UNICAMP! Não sei se você tá lembrado... Você tinha aqui Alpina Begossi, Márcio Campos... Márcio

Campos foi muito importante também. Já no doutorado, eu fiz um curso com ele que me marcou definitivamente. Márcio fez uma coisa que pouca gente conhece, mas foi uma coisa extraordinária! Ele construiu no alto da UNICAMP um observatório a olho nu, baseado nas etnoastronomias antigas. E ele deu um curso sobre etnoastronomia e a gente frequentava à noite o observatório a olho nu. Foi aí que eu fui aprendendo a ler o céu. Então, a UNICAMP se fez bastante presente aqui. A minha tese, portanto, não ficou na marginalidade na UNICAMP. Ela, de fato, foi considerada pelos pares como um marco divisório. Pra minha surpresa, eu tava arrumando as coisas que eu vou transferir para a minha biblioteca em Maceió, e entre as coisas que eu encontrei, estava uma tese de uma orientada de Ivan Sazima, pós-José Geraldo, trabalhando com etnoictiologia! Então, essas coisas me gratificam muito.

Ethnoscintia: Você está dizendo que foi difícil fazer etnoecologia. E eu pergunto: é difícil fazer etnoecologia ainda?

José Geraldo: Foi muito difícil, mas eu via sempre como um desafio. Um dos mestrados que eu tentei foi o de Ecologia na UFRJ. Fiz concurso, fui aprovado, fiz as disciplinas, fiz a qualificação, fui aprovado... Franzé, pra descobrir que o Mestrado nunca tinha existido oficialmente! Foi um delírio de um professor. Um grande ecólogo, um pioneiro. Só que o curso estava criado na mente, na essência platônica. A essência precedeu a existência. E quando foi na hora da existência, o Conselho Universitário barrou tudo porque não existia! Mas eu fiz uma disciplina nesse mestrado de Ecologia Humana. A professora era uma antropóloga do Museu Nacional. Eu lembro bem das aulas, pois sou muito de ouvido e incorporo muito os trechos importantes de aulas que foram fundamentais na minha formação. Ela começou dizendo assim “olhem, eu fui designada pra ensinar Ecologia Humana, mas eu devo dizer a vocês que eu não sei o que é isso!” (risos). Uma das coisas que ela falou sobre adaptabilidade humana foi que a chave para o sucesso é transformar os obstáculos em estímulos. Foi assim que a humanidade progrediu! Por exemplo, no Departamento que eu atuava na UFAL, houve uma crítica severa ao que eu fazia com etnobiologia/etnoecologia e um dos professores disse: “isso é invenção da cabeça de Zé Geraldo!”. E a invenção da etnoecologia na academia é do Conklin. Quando ele publica o trabalho fundamental, eu era uma criança muito novinha em Santana do Ipanema. Então, se eu tivesse inventado a etnoecologia teria sido um fenômeno extraordinário!

Ethnoscintia: E hoje é difícil fazer?

José Geraldo: Olhe, eu acho que a gente foi conquistando espaços, por exemplo, aqui mesmo na UEFS, quando eu vim pra aqui ainda havia murmúrios de que etnobiologia não era ciência, coisas desse tipo. Até que nós realizamos aqui aquele I Encontro Regional (I Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia; 1999). Eu sugeri a Eraldo (Eraldo Costa Neto/UEFS) que colocasse uma mesa redonda com a pergunta de que se a etnoecologia é ou não é ciência? Me coloque pra falar e chame alguém que disse que não é ciência pra que a gente possa debater. Até vocês publicaram, você e ele... tem um texto meu. Mas na mesa Eraldo não colocou nenhum dos colegas que diziam que etnoecologia não era ciência. Teria sido muito interessante, mas talvez tivesse aberto chagas acadêmicas. E foi muito bom que não tivessem sido abertas essas chagas por ser a UEFS tão cordial naquela época. Então, sempre há resistências. Esta questão se é ou não é ciência... um pesquisador etnobiólogo tem por obrigação ser um cientista. É como dizia Posey, que nenhum etnobiólogo de peso tem proposto que se abandone um método científico para obtenção e interpretação de dados. Agora, lembrar sempre que o que é ciência vai depender muito dos seus critérios de cientificidade. Recentemente, um estagiário meu chegou frustrado aqui porque ouviu num simpósio que houve aqui, onde nós apresentamos alguns painéis, de um colega nosso dizendo: “eles dizem que isso é ciência...”. E um colega nosso daqui, que não vou dizer o nome por questões éticas, mas foi fazer uma palestra na UFPI, e lá tem pessoas sérias trabalhando com etnobiologia e etnoecologia. E sabe qual foi a pergunta que ele fez lá? “Vocês aqui também trabalham com “etnocoisinhas”? Eu disse que não se preocupasse não, pois eu conheço o itinerário desse rapaz que disse isso. É um bom pesquisador, mas ele produz trabalhos técnicos. Ele não sabe o que é ciência, questão demarcatória, filosofia das ciências. Então, não se incomode com isso não. Porque, a essa altura do campeonato, uma pessoa que faz esse tipo de comentário é um marginal no sentido das tendências mais modernas do que se faz em ciências hoje. A gente ainda encontra algumas coisas assim. Mas, hoje, de um modo geral, há muito mais aplausos do que vaias! Muito mais!

Ethnoscintia: Você falou na influência da família... Dona Betinha (esposa) e etnoecologia combinam?

José Geraldo: *Muito! Muito! Sem ela teria sido muito difícil eu ter feito etnoecologia em momentos difíceis, tá? Ela me dá todo apoio e sempre me deu! O trabalho da Várzea da Marituba, ela ia comigo pro campo. Levávamos Hortência (filha) também que era muito pequena na época. E Betinha se fazia de comadre das comadres das Marituba e com isso abria muito as portas pra minha pesquisa. Nós fizemos amigos na Várzea da Marituba, mas amizades realmente sinceras da minha parte e da parte de Betinha. Um belo dia, eu encontro Betinha conversando na sala com dona Valdete, mas pareciam duas comadres antigas que tinham se reencontrado! Então, ela tem me dado bastante apoio nos momentos difíceis e nos momentos fáceis também. Quando eu passei a fazer trabalhos com etnobiologia urbana, eu trabalhei com o comportamento dos protetores de gatos. Uma das partes do trabalho eu fiz entrevistando uma senhora que morava sozinha numa casa que tinha 15 gatos! A teoria diz que os seres humanos se dividem em aiurulófilos e aiurulófobos, ou seja, os que gostam de gatos, como eu, e os que não gostam de gatos, como Betinha. Mas pra você ter uma ideia, Betinha me acompanhava nas minhas pesquisas com gatos. Isso é só um exemplo do apoio que ela me dava pra eu fazer os meus trabalhos.*

Ethnoscintia: Você é considerado um dos maiores escritores do Estado de Alagoas. A poesia ou a poética influenciaram ou influenciam no seu trabalho? Como é que isso se dá?

José Geraldo: *Olhe, hoje é muito difícil separar algumas coisas que eu escrevo dentro das etnociências das que eu escrevo na poesia. Comecei fazendo isso também de modo muito intuitivo. Eu publiquei um trabalho sobre aves e augúrios no estado de Alagoas. As aves que anunciam mortes, sentidas pelos camponeses, principalmente no meio rural, mas também no meio urbano. Eu trabalhei com essas questões de anúncio de mortes no Estado de Alagoas. “Fulano vai morrer. Vão matar fulano”. Isso entrecruza com a tragédia principal da minha vida que foi o assassinato político do meu pai. Eu escrevi esse trabalho que recebeu elogios muito grandes de alguns escritores e críticos importantes aqui do Brasil. E... olhe, se você pergunta o que é que é... ele é etnopoético, tá? Eu trabalho com também com etnoornitologia e nisso eu sou muito influenciado pela fenomenologia. Ao mesmo tempo, o meu trabalho em etnoornitológico está numa linguagem poética. Até que, depois de tocar de ouvido, apareceu uma partitura. Sempre me interessei por essa questão do entrecruzamento de conhecimentos, pela transdisciplinaridade, embora eu não saiba muito bem o que é isso, e ninguém saiba, tá? (risos). Mas a gente intui o que seja. E aí me apareceu um autor com o qual eu mantenho um relacionamento difícil desde a década de 1970. Não é um relacionamento pessoal, pois eu nunca o conheci, mas eu tenho crises de amor e ódio a ele, que é Edward Wilson, o da Sociobiologia. As crises de amor e ódio são dentro da sociobiologia, principalmente dentro da proposta que ele fez sobre a, sobre a qual eu teço muitas críticas, mas nunca perco a oportunidade de introduzir o tema para alunos de Ecologia Humana, sempre que é necessário. Mas aí, “Santo Wilson”, às vezes eu chego a considerá-lo santo (risos), publica um livro chamado “Consiliência”. É um livro que não pegou muito, mas inclusive, mereceu tradução em português. Então, lá pras tantas do livro, ele envia muito para o biologismo. Mas o ponto de partida, pra mim, foi teoricamente muito importante. Ele chama de “consiliência” quando você tem um conjunto de dados inferidos de uma área que batem com o conjunto de dados de outra área. Aumenta a probabilidade de verdade, que é o que eu fiz intuitivamente com as tabelas de cognição comparada. Se eu encontro na literatura e se eu encontro de uma forma impressionantemente similar na linguagem dos pescadores, dos camponeses, etc., então, isso me reforça, me dá possibilidade de uma maior aproximação de uma verdade. Wilson diz que só com a ciência nós não chegamos às verdades. Todos nós sabemos disso. A verdade científica é uma verdade por aproximação e, por definição, ela é uma verdade provisória e substituível. E é isso que muitos de nossos colegas não entendem! Faltam-lhes informações da filosofia das ciências. Ele diz que chegamos às aproximações sucessivas e se eu pego esse conjunto de dados e encontro conjunto de dados semelhantes nas artes e nas humanidades, então eu me aproximo muito mais. Então, agora eu já tinha minha teoria pra coisas que eu venho publicando com dificuldade. Ainda existe muito na academia esse tipo de preconceito. E nesses trabalhos que eu procuro fazer é justamente isso. É a consiliência entre a ciência, sem abrir mão do rigor científico, com as artes e com as humanidades, tá?*

Ethnoscintia: Na sua definição de Etnoecologia Abrangente você inicia dizendo ser um “estudo científico transdisciplinar...”. Como a transdisciplinaridade foi pensada para esta abordagem?

José Geraldo: *Se eu não me engano, o transdisciplinar, pelo menos na primeira edição do Pescando... está entre parênteses. Isso significando exatamente, transdisciplinar ideal, na medida do possível. Na época, eu intuía mais Consiliência do que transdisciplinaridade, que a gente encontra em vários autores. Não há consenso sobre o que seja transdisciplinaridade, mas nós temos uma intuição do que seja. Olhe, ninguém está propondo abandonar cânones científicos, tá? O que a gente propõe é que a ciência vá mais além. A ciência como um todo parece ter chegado a alguns impasses pela hiperespecialização. Pensar transdisciplinaridade é pensar nessas coisas que Boaventura Souza Santos propõe de diálogos de saberes. Morin influenciou muito meu pensamento quando eu penso em transdisciplinaridade. É preciso religar o que foi desligado! Meu pensamento de transdisciplinaridade vai por aí. Eu acho que se você pretende ser transdisciplinar você deve, pelo menos, dar passos consilientes. Deve conhecer bem ciência, filosofia, artes... se possível, praticar alguma arte. E ter uma boa visão das Humanidades. Não é ser especialista em cada uma dessas coisas não!*

Ethnoscintia: A gente pode dizer facilmente que o seu livro *Pescando Pescadores* já é um clássico da literatura etnoecológica. Você chegou a desconfiar da dimensão que esta obra iria ter? Fale um pouco sobre isso.

José Geraldo: *Nunca! Nunca! A história do Pescando Pescadores é a seguinte: eu estou na Marituba, questão da Marituba fervendo! A CODEVASF querendo porque querendo implantar o projeto que destruiria a área inundável da Marituba e a gente com um movimento social e ecológico forte, totalmente vitorioso. Nós vencemos a CODEVASF e as forças conservadoras de Alagoas. Pra você ter uma ideia, até dona Leda Collor de Melo, mãe do Presidente da República, entrou! Claro, que não em defesa da manutenção da várzea, como ela continua até hoje. Então, em plena eferescência, o Diegues conseguiu que a gente pudesse gerar um projeto de pesquisa. Porque a gente precisava trazer as pessoas da Marituba pras audiências públicas em Maceió e não tínhamos dinheiro nenhum pra isso! Então, Diegues conseguiu que a gente montasse um projeto de pesquisa, que eu transformei em um projeto de pesquisa-ação. Pesquisa-ação mesmo! E Diegues conseguiu um financiamento com o IDRC (International Development Research Center), do Canadá. E foi graças a isso que a gente conseguiu tocar. Só que foi chegando o fim do projeto, e como a gente tinha um ativismo muito intenso, sobrava pouco tempo para a gente digerir os dados que a gente coletava. A essa altura, nós éramos não somente um grupo de militantes, mas um grupo de pesquisadores. Então, começava chegar pra mim os dados/ entrevistas que formavam montanhas! E eu pensava: Como é que eu vou trabalhar isso? Porque o projeto exigia relatórios. Então, Franzé, eu sentei, dei uma parada, ao mesmo tempo que a gente foi finalizando o movimento, que já estava praticamente ganho, e disse “eu vou escrever”. O que a gente conhece como *Pescando Pescadores* foi o relatório desse projeto de pesquisa. Nesse interim, eu fui ao Canadá. O texto estava praticamente pronto, mas eu não tinha um título para o texto. E aí, aconteceu! Eu me lembro que tinha acabado de chegar no aeroporto de Montreal, esperando um ônibus, e assim, encostado em uma parede, pensando num título... aí, aconteceu! Flash! *Pescando Pescadores*! Pra fazer trabalho científico a inspiração é necessária! Muita transpiração, mas alguma inspiração é necessária. Eureka! Achei! Aí coloquei o título e mandei o relatório pra o Diegues encaminhar para o IDRC. Ele encaminhou e o relatório foi muito bem recebido, muito bem aprovado. Tanto que ele conseguiu financiar a transformação do relatório em livro. Pra mim, foi uma inteira surpresa quando Flávia (Flávia Moura-UFAL) que estava passando por São Paulo, adquiriu o livro *Pescando Pescadores* antes de mim! (Risos) Então, trouxe o livro e eu fiquei encantado! Não com o livro em si, mas com o próprio processo. Jamais me passou pela cabeça que o *Pescando Pescadores* penetrasse tanto quanto tem penetrado! Essa semana eu pesquisando no Google e tinha uma referência em francês!*

Ethnoscintia: Aproveitando esse viés, há algum tempo atrás você esteve em Portugal e no México... como foi a receptividade da Abordagem Etnoecológica Abrangente nesses países?

José Geraldo: *Pra Portugal, eu fui como professor convidado para a Universidade de Évora, que mantinha um dos melhores cursos de Ecologia Humana da Europa. Eu fui convidado para introduzir Etnoecologia nesse curso. Eu fui até com intenção de ficar. Betinha se animou, mas às vésperas desistiu. Bem, fui então namorar com Portugal pra ver o que ia dar. Primeiro, procurei localizar se alguém mexia com coisas parecidas em Portugal e não achei ninguém. No final, a disciplina de*

Etnoecologia foi muito bem avaliada! Poucas disciplinas que eu ministrei foram tão bem avaliadas pelos alunos como aquela na Universidade de Évora. Mas no começo estranharam... Mas é isso que eu tomei como lema de vida: transformar obstáculos em estímulos. E aí a coisa foi. Mas foi tão bem, tanto do ponto de vista intelectual, como do ponto de vista pessoal e emocional! Tivemos uma despedida altamente emotiva! E até hoje, eu mantenho correspondência com o prof. José Mascarenhas que foi quem me convidou e que na época era o coordenador do curso. Mas depois eu tive que voltar, pois a UEFS abriu o concurso para Professor Titular em Etnobiologia. Aí, eu arrumei as malas, atravessei o Atlântico e não pude continuar lá.

Pra o México eu já fui convidado com uma proposta bem explícita. Era realmente ministrar um curso na Universidade Nacional do México (UNAM) sobre Etnoecologia Abrangente. Esse termo “abrangente” existe alguma dificuldade pra assimilar. Uma das pessoas que serviram pra catalisar minha ida ao México foi o Didac (Didac Santos) que hoje é professor de Etnobiologia no México, mas na época ele tinha acabado o Mestrado e estava terminando o doutorado. Ele, sem me consultar (risos), mas ele eu perdooo, fez um cartaz lindo pra divulgar o curso antes da minha chegada e não colocou “abrangente”, que existe em espanhol. No cartaz saiu o curso de Etnoecología Incluyente”. Mas aí, tudo bem. Eu já aproveitei na introdução teórica do curso pra explicar porque ela é abrangente e que o “inclusivo” não dá conta. Começou “incluyente” e terminou abrangente. Realmente, foi um curso muito, muito bem-sucedido! Eu realmente sou devedor daqueles ouvidos, daquelas palavras. O final do curso foi emocionado e emocionante! Então, teve uma ótima penetração.

Ethnoscintia: Na minha opinião, um dos aspectos mais relevantes do *Pescando Pescadores* é ter sido concebido a partir de um sério conflito socioambiental entre CODEVASF e os maritubanos da várzea do São Francisco. Como você enxerga a situação atual da sociobiodiversidade frente ao que se convencionou chamar de “desenvolvimento” e na complicada conjuntura política nacional?

*José Geraldo: Olhe, o Editor da Ethnoscintia me pediu que eu fizesse uma resenha do livro “A Queda do Céu” do Davi Kopenawa. O Davi cruza na minha vida na ECO 92, o livro dele foi um dos mais impressionantes que eu li até hoje! Eu começo dizendo isso na resenha. Eu fiquei relutante no início se eu escreveria ou não, pois eu não sou bom de prosa. Mas eu resolvi escrever. Não sei se ficou bom o texto ou não ficou, mas eu mandei pro Bernardo. Mas eu tive uma alegria tão grande, quando veio o diagnóstico! Ele só respondeu assim: “Texto extraordinário! Parabéns!”. Mas esse resultado é muito por causa do meu envolvimento com o Davi Kopenawa e com a questão dos Yanomami. Nessa resenha, eu coloquei um trecho de uma entrevista com Davi que ele deu pra revista *Cult*, bem recentemente. Na entrevista, ele falou assim “A Dilma não fez muita coisa pelo nosso povo não. Mas eu conheço o coração dela. Mas esse presidente atual parece que não tem raiz!” Eu coloquei esse trecho e depois completei “Pois é, Davi, ele está apressando a queda do céu”. Principalmente pela Amazônia e pela questão indigenista. Então, sobre a situação atual, o que podemos fazer é lamentar profundamente, depois de avanços significativos que nós tivemos em relação aos povos e às comunidades tradicionais. Não avanços ideais, mas significativos. Entrarmos num retrocesso que estamos tendo agora...! Gente! É algo... a palavra que me ocorre agora é “revoltante”! Eu gostaria de ter uma boa pedra pra ter a oportunidade de atirar! (risos).*

Ethnoscintia: A Abordagem Etnoecológica Abrangente, depois de *Pescando Pescadores* foi adotada por vários pesquisadores como proposta de trabalho, sobretudo em pós-graduações. Como você vê o papel de seus orientandos na evolução de sua proposta original?

José Geraldo: Eu aprendo muito com vocês todos! Em cada produção eu aprendo. A proposta da Etnoecologia Abrangente, tenho frisado muito bem, não é uma proposta dogmática. Não é uma proposta fechada. Ela é aberta à novas incursões. O que tem me agradado muito é que vocês têm feito essas incursões e com isso. Se eu fosse reescrever algo novo, eu incluiria coisas aprendidas que não estão ali.

Ethnoscintia: E por falar em orientação, na sua opinião o que um bom orientador precisa ter e/ou ser?

José Geraldo: Precisa ter paciência! Muita paciência!! Pra mim, foi uma surpresa muito grande no simpósio que vocês fizeram em minha homenagem, os depoimentos da maioria de vocês falando que

eu fui um orientador muito paciente. Quando eu vinha me condenando o tempo todo com a minha impaciência. Então, um bom orientador tem que ser um bom ouvinte. Ele deve respeitar, mas num processo de respeito recíproco, tá? Eu creio que o processo de orientação deve ser um processo de crescimento. Ambos devem sair maiores do que entraram ao final. Mas entrechoques são inevitáveis. De várias naturezas. Eu não tenho ciclo menstrual, mas minhas orientadas têm. Eu não engravidou, mas algumas orientadas minhas engravidaram. Então, vamos ter choques hormonais. Se a gente já entrasse com essa visão, não estranharíamos os inevitáveis entrechoques e encontraríamos maneiras de superá-los. Eu acho que nisso eu fui bem-sucedido.

Ethnoscintia: O prof. José Geraldo Marques e sua obra já há algum tempo é uma referência para a Etnoecologia brasileira. Quais são as referências do prof. José Geraldo Marques?

*José Geraldo: Claro que Darrel Posey é uma referência fundamental. Aprendi muito, com os poucos contatos que eu tive com ele e nas leituras que ele publicou. Posey seria uma grande referência pra mim. Brent Berlin, seria outra. Julieta Andrade seria uma grande referência pra mim. Ivan Sazima, outra. Meu amigo Paulo Vanzolini. Uma das coisas que mais me gratificaram na vida é que Paulo Vanzolini era uma pessoa de difícil convivência. Mas quando eu mandei pra ele o *Pescando Pescadores*, ele me respondeu com um cartão, estilo Vanzolini: “Muito bom! Eu quero conhecer a Marituba!” Então, Vanzolini é uma referência fundamental. Eu não quero cometer injustiças, a essa altura esquecer das pessoas e não citá-las, mas lhe digo que são grandes referências. Meu orientador de mestrado, o prof. Naercio Menezes também foi uma referência muito importante. Isso na minha arte de produção científica. Minhas referências poéticas seria uma lista muito grande! Quando eu era adolescente eu já amava decorar e declamar o “Operário em Construção” de Vinícius de Moraes. Não sei porque não me mandaram pra cadeia em Santana do Ipanema! (Risos)*

Ethnoscintia: Você é um bispo da Igreja dos Mórmons. Hoje em dia, tem sido bastante comum se observar certos preconceitos por parte de setores fundamentalistas de certas igrejas para com outras religiões, sobretudo aquelas de matriz africana. Como é ser um religioso e trabalhar com o multiculturalismo, inserindo aí a diversidade religiosa?

José Geraldo: Olhe, eu não seria nem bispo e nem membro de uma igreja que fosse fundamentalista e que fosse preconceituosa. Eu, inclusive, tenho trabalhado ativamente ao longo dos anos no diálogo inter-religioso, de uma forma bastante produtiva. Boa parte da minha pesquisa em etnobiologia e etnoecologia se dá nos terreiros. Foi onde eu aprendi muito, principalmente sobre plantas medicinais. E nós mantemos uma relação muito cordial com líderes da umbanda, do candomblé. Pra você ter uma ideia, uma das coisas mais sagradas que nós temos é a construção de templos. São muito poucos no mundo e no Brasil. Recentemente foi anunciado um templo para o Rio de Janeiro e na abertura do templo havia líderes do candomblé, da umbanda e que participaram conosco em pé de igualdade. Nós temos como um dos princípios basilares do Mormonismo crermos e adorarmos ao Deus Todo Poderoso de acordo com os ditames de nossa consciência. Nós concebemos a todas as pessoas adorarem o que quiserem, como quiserem e onde quiserem. Liberdade religiosa pra nós é fundamental!

Durante algum tempo, eu tive muita dificuldade pra fazer religião e ciência ao mesmo tempo. Pode trazer muito conflito se você permitir que esses conflitos lhe dominem. Mas aí eu encontrei Gould, Stephen Jay Gould, que era judeu, mas não religioso. Ele escreveu um livro que é fantástico, onde ele disse que são dois magistérios diferentes. Porque tem muita gente que fica tentando misturar e justificar com uma e condenar a outra. São dois magistérios diferentes. O magistério leigo e o magistério religioso. Então, faça seu magistério religioso na sua igreja e faça o seu magistério leigo na sua ciência. Eu tenho aplicado isso na prática. Tem resolvido meus conflitos e eu tenho me dado muito bem.

Ethnoscintia: Como você vê a etnoecologia feita hoje no Brasil?

José Geraldo: Eu considero nossa etnoecologia de muito boa qualidade. Considero que a minha geração está passando, mas não está passando em branco e não está deixando brancos. Nós temos uma emergência de uma nova geração que está produzindo com bastante vigor, com bastante força. Sem dogmatismos. Um exemplo: uma coisa que eu não tenho dogmatismo é em relação ao tipo de pesquisa quantitativa ou qualitativa. Se você tem apetite numérico e se satisfaz com os poucos resultados que a matemática pode lhe dar, faça pesquisa quantitativa. Agora, faça bem feita e

rigorosa! Se você tem outros apetites, outras habilidades e outras competências e quer fazer pesquisa qualitativa, faça. Mas faça de boa qualidade. E faça com rigor! No Brasil, o predomínio é de pesquisa qualitativa. E qualitativa da nova geração é muito bem feita e muito bem orientada. Nós hoje temos hoje no Nordeste um doutorado em Etnobiologia e Conservação. Tem um pessoal de altíssimo nível! Tanto o pessoal que está dirigindo, como Ulysses (Ulysses Paulino de Albuquerque-UFPE) e Rômulo (Rômulo Alves-UEPB). São pessoas de alta qualidade, com uma boa produção e que estão formando pessoas de excelente qualidade. Tem jovens que são brilhantes! Então, eu vejo uma fase que é uma fase boa na produção etnoecológica no Brasil. Ao mesmo tempo me preocupa, pois isso tem que ser sustentado. Porque, quando chega nessa fase, começam a aparecer os riscos da etnoecologia fácil, da etnoecologia descuidadosa, da superprodução pra publicação, que é uma coisa que me preocupa tremendamente. A essa altura do campeonato, posso dizer muito bem que sou contra o sistema atual de medir as publicações pelo sistema CAPES que é muito cruel. Acho que há outras produções de excelente qualidade e que não passa pelo sistema CAPES e pelo sistema CNPq. Eu vivi uma contradição nessas na prática. No ano 2000, eu ganhei o Prêmio Érico Vannucci Mendes, que como todos sabem, é um dos prêmios mais disputados aqui no Brasil. Eu concorri com minha produção em etnobiologia e etnoecologia. Ganhei o Prêmio. Eles dão o prêmio pela relevância do conjunto de sua obra. No mesmo ano eu tinha pedido um financiamento pro CNPq, que me respondeu que não porque era irrelevante o que eu estava publicando. E o CNPq é um dos patrocinadores do Prêmio Érico Vannucci Mendes. Vai entender...

Ethnoscintia: E como você enxerga a academia hoje?

José Geraldo: *Sartre tem uma citação que é infernal. Literalmente infernal! Que é quando ele disse que o inferno são os outros. O inferno existe. O inferno são os outros. Então, a academia tem esse aspecto infernal. Mas eu voltaria a fazer carreira acadêmica sem dúvida nenhuma! Porque, por outro lado, é uma carreira que nos traz tantas alegrias de vez em quando que nos permite um tipo de convívio, na maior parte das vezes, nada infernal! Mas é uma instituição que afloram muitas contradições. E algumas, realmente se incendiam com emoções vis. Mas eu voltaria a fazer. Acho que é muito prazerosa. É divertida! E eu não me vejo como tendo passado por um outro itinerário. Tem um livro chamado “Homo academicus” que mostra que isso é típico dessa instituição chamada universidade, da academia. Deu liberdade, os conflitos afloram. E isso é bom.*

Ethnoscintia: Motivos de orgulho de sua vida acadêmica sabemos que tem muitos. E de arrependimento ou frustração?

José Geraldo: *Deve ter, tá? Mas vou dizer sinceramente que no momento estão bloqueados.*

Ethnoscintia: Não é fácil imaginá-lo um aposentado. O que podemos esperar ainda do prof. José Geraldo Marques? Quais são seus planos para o futuro, para o presente e para seu passado?

José Geraldo: *Já que decisões do presente influenciam decisões do passado, segundo a última física quântica... No presente, eu estou trabalhando nessa garimpagem de dar destino ao meu acervo. Tem me dado um trabalho muito grande, mas eu tenho ficado muito gratificado por eu estar dando um destino que eu considero muito acertado e que vai servir às pessoas. Parte do acervo é intocável. São aqueles livros, aquelas coisas que antes a morte do que me separar deles e que eu vou levar pra minha biblioteca de Maceió. E tarefa imediata é pôr em condições de consulta. Eu pretendo também, como uma coisa mais imediata é pôr ordem no livro de poesia que está escrito, mas não está arrumado. E nem está ainda ao meu gosto. Eu preciso burilar, fazer carpintaria pra deixar em condições decentes de publicação. Como “free lancer”, eu quero continuar. Não me deixem morrer!! (risos) Até convites pra escrever resenhas eu estou aceitando. Vou continuar. Quero continuar fazendo palestras, conferências, publicando o que eu quero publicar, onde eu quero publicar, da maneira que eu quero publicar. E continuar tão ativo como me seja possível até que o inevitável aconteça. Nós somos todos biodegradáveis, como dizia Edgar Morin.*

Ethnoscintia: O que é que não pode faltar na sua geladeira? Não pode falar “energia”, tá? (risos)

José Geraldo: *Franzé, o que não deveria faltar nunca era doce! Mas é o que tem que faltar na minha geladeira (risos). Betinha é uma das melhores doceiras que eu conheci na minha vida! Mas hoje*

quando ela faz, ela esconde. Doce, pra mim, é um dos maiores prazeres na vida, mas eu estou definitivamente impedido por causa do diabetes. Não pode ter doce, então tenha qualquer coisa! Qualquer coisa serve! (mais risos)

Ethnoscintia: E o que não pode faltar na cabeceira?

José Geraldo: *Um bom livro! Aliás, dois ou três bons livros! Normalmente, um de literatura e um de ciência.*

Ethnoscintia: Fora Temer e fora o que mais?

José Geraldo: *Você me perguntou se eu me arrependo de alguma coisa. É um arrependimento quântico! Eu me arrependo de Temer ter existido! (risos)*

Ethnoscintia: Beatles ou Rolling Stones?

José Geraldo: *Pink Floyd! (gargalhadas)*

Ethnoscintia: Pra finalizar, complete essa frase: “Você aí que está lendo essa entrevista...”

José Geraldo: *... Então aproveite! Pode ser uma das últimas! (mais gargalhadas!)*

...